



## Poemas

Alberto Pucheu<sup>i</sup> (UFRJ)

### **SOBRE SÓIS, IMPERADORES, NÓS E CEREJEIRAS AO VENTO** (depois de assistir *O sol*, de Aleksandr Sokurov)

para não dizer nada,  
é preciso estar  
preparado para tudo,  
para receber tudo  
e qualquer coisa –  
seja o que for –  
em troca do nada dito,  
é preciso de fato  
estar preparado  
para não dizer nada  
e receber tudo  
e qualquer coisa –  
seja o que for –  
em troca, quando se sabe  
tudo (ou quase tudo)  
o que está em jogo  
em uma conversa, é preciso  
estar preparado  
para poder dizer  
tendo a sabedoria  
de não dizer nada,  
é preciso uma arte,  
uma arte de saber  
não dizer nada  
justamente porque se está  
preparado para tudo  
e para qualquer coisa –  
seja o que for –  
em troca do nada dito,  
essa arte de não dizer

nada, quando se está  
preparado para tudo  
e para qualquer coisa  
seja o que for,  
é uma arte de palavras  
que não dizem nada,  
de palavras medidas  
e pensadas milimetricamente  
para conseguirem,  
a cada momento,  
instante após instante,  
ao invés de dizerem algo,  
como, por exemplo,  
o mais importante,  
não dizerem nada,  
não dizerem absolutamente  
nada, não dizerem,  
mas é uma arte também,  
além de das palavras,  
de gestos do corpo  
que, como as palavras,  
estão ali exatamente  
para não dizer nada,  
eles estão ali,  
os gestos e as palavras,  
tão somente  
para conseguir  
não dizer nada,  
em outras palavras,  
para dizerem o gesto  
de que se está  
preparado para tudo  
e para qualquer coisa,  
quando nada mais  
resta a ser feito.

## A TESTEMUNHA

Quando me sentaram na cadeira  
com a pequena mesa sobre a qual se erguia um microfone,  
imediatamente em frente ao meu olhar,  
para que eu não tivesse como não o ver  
(apesar de ele não ter cruzado seus olhos com os meus  
por nenhum segundo),  
mais alto, entretanto, do que o lugar em que eu me encontrava,  
de maneira que, para olhar para ele,  
eu tinha de erguer os olhos,  
como se ergue os olhos em uma igreja  
para ver o púlpito,  
ainda que ele não rebaixasse seu olhar  
para olhar o meu,  
ele com beca ao centro da mesa imponente,  
à sua direita, a promotora e, de seu outro lado,  
o escrevente manuseando por vezes um computador,  
eu, também ao centro, mas abaixo dele,  
abaixo deles, de frente para ele, cara a cara com ele  
e, com leve movimento lateral que eu fazia da cabeça,  
com ela, a promotora, e, pelo outro lado,  
com o escrevente, que não me chamava tanta atenção,  
vi que, ao centro, acima dele,  
no ângulo reto que a parede  
fazia com o teto, uma câmera me filmava  
e que, abaixo dela, também ao centro,  
em uma altura intermediária entre ela  
e a cabeça dele, uma televisão mostrava  
o que a câmera filmava, eu, no primeiro plano, ao centro,  
atrás de mim a sala grande, cheia, os réus,  
seus familiares, seus amigos, seus advogados  
e outros curiosos que ali se encontravam,  
a televisão mostrava todos nós,  
mas não o mostrava, como se também dele  
não se pudesse haver imagem, como se a imagem  
dele fosse interdita, ele, o sem imagem  
dentro do que a câmera filmava  
e a televisão mostrava, eu tenso,  
sem saber do tempo que passava,  
escuto a voz dele soando pela primeira vez  
pelas caixas de som, adentrando o meu ouvido,  
como se fosse uma voz soando sem sentido,  
ou melhor, como se, do sentido do que ele dizia,  
eu guardasse apenas a palavra "juramento",  
achando que eu deveria então jurar

que diria a verdade, apenas a verdade,  
nada mais do que a verdade, foi quando  
eu disse "sim", mas, então,  
com certo constrangimento, dei-me conta,  
pelo burburinho, de que não era para ter dito "sim"  
nem "juro" (que evitei dizer por não acreditar em Deus,  
ao menos, no que se entende por Deus  
de modo geral e nessas horas de juramento),  
e, ao me dar conta do impasse em que caíra  
achando que eu teria de jurar, achei-me ingênuo  
– como se ele, logo ele, acima de mim,  
tivesse de ter, de mim, a confirmação  
de meu juramento, claro que não,  
claro que ele não estava me perguntando nada,  
ao contrário, estava apenas me avisando  
de que eu, querendo ou não, dizendo "sim"  
ou não, dizendo "juro" ou não,  
já estava sob juramento, diante dele  
ao centro, acima de mim, diante da câmera  
ao centro, acima de mim, diante da televisão  
ao centro, acima de mim – diante de meu impasse,  
sem saber o que fazer para me livrar dele,  
escuto uma outra voz falando pelo microfone,  
de modo que girei meu tronco e minha cabeça  
para a lateral direita, em uma linha oblíqua a mim,  
olhando nos olhos de quem descobri então ser  
o advogado de defesa que também me olhava  
e me perguntava, fazendo-me falar  
ao microfone à minha frente, meio torto,  
olhando para ele, respondendo como podia  
às suas perguntas, de maneira que,  
a partir de então, não olhei mais para aquele  
que, diante de mim, ao centro, acima de mim,  
não me olhara por nenhum segundo.

## MERCADO VER-O-PESO (BELÉM)

peixes mortos, aos montes,  
de rio e de mar, exalam  
o que não são mais seus cheiros,  
pois seus cheiros são cheiros  
de vida, de dentro da água  
na qual deslizam,  
fazendo intensos barulhos  
que, como seus cheiros,  
cheiros e barulhos aquáticos  
de vida, não somos capazes  
de sentir, mas, mesmo sem os peixes  
exalarem seus cheiros,  
há um cheiro exalando no ar,  
não cheiro de peixe, cheiro  
da morte do que um dia foi  
peixe, da morte do que um dia  
chamamos de peixe sem saber  
o que é peixe, sem saber o que é  
o cheiro do peixe, cheiro  
da morte que exala esse cheiro  
do que não sabemos  
o que é - cheiro da morte  
do peixe -, fazendo-o  
esbarrar no ar, no chão  
de cimento, nas peles,  
nos ossos, nas estruturas  
de ferro, nos vidros  
que partem com o esbarro  
do cheiro da morte  
do que não sabemos  
o que é e chamamos de cheiro  
de peixe, de cheiro  
do que chamamos de peixe  
morto, da morte do peixe  
que eventualmente parte  
os vidros, parte o coração  
dos vidros, parte o coração  
do passante, só não parte  
o coração do que chamamos  
de boi, só não parte o coração  
morto, à venda, do que chamamos  
de boi, que exala seu cheiro  
de morto, cheiro da morte do boi,  
cheiro da morte do coração morto

do boi morto, à venda, o cheiro  
morto da venda do coração morto  
da morte do boi quebrando  
também o coração dos vidros,  
o coração do passante, o coração  
que sente, que cheira, que vê  
o peso do cheiro da morte  
(da venda) dos peixes, o cheiro  
da morte (da venda) do boi,  
e parte.

## NA PONTA D'ALÍNGUA

por conta mesmo  
das línguas dadas  
nas palavras  
e nas gramáticas  
disponíveis  
de todas as horas,  
por conta de tudo  
que já foi dito  
e quer ser  
mais uma vez redito  
da mesma maneira  
por quem tem  
ou acredita ter  
sempre algo  
pronto a dizer  
na ponta da língua,  
na ponta d'alíngua,  
a poesia é  
sem palavras,  
antes (mesmo  
que depois)  
de qualquer língua,  
antes (mesmo que  
depois) de qualquer  
gramática.  
como chegar a ela  
com palavras,  
como chegar  
a ela com uma língua  
ou com uma  
gramática,  
como entrar  
nas palavras,  
numa língua  
ou numa gramática  
(infalivelmente  
de maneira  
tortuosa,  
conflitante  
e momentânea),  
sem saber jamais  
como é dado  
este acesso –  
eis a questão

do poema,  
eis o motivo  
pelo qual o poema  
encurrala  
o poeta  
contra o abismo,  
currando-o,  
até ele berrar  
de prazer  
chamando-o,  
para quem  
quiser ouvir,  
de meu amor.

## O VERSO DO POEMA

... nenhuma palavra nem nenhum verso cumprido  
 nem nenhuma frase se presta para começar um poema,  
 que já começou antes de qualquer palavra e antes  
 de qualquer verso e antes de qualquer frase. chamar,  
 como se por fora da palavra, de música este antes,  
 como já chamei, ou de murmúrio, como, se não chamei,  
 poderia tê-lo chamado, ou de grito, ou de uivo,  
 como outros já chamaram, é uma tentativa de dizer  
 o que precede a primeira linha articulada, mas música,  
 murmúrio, grito e uivo são ainda palavras a revestirem o antes,  
 a cobrirem com um sentido, mesmo que rompido, a cobrirem  
 com uma articulação, mesmo que sinalize uma fratura, a espera  
 desarticulada na qual me demoro. chamar ainda este antes  
 de um poema que não quer começar (apesar de já andar  
 em seu caminho) de espera ou de desarticulação  
 ou de pura potencialidade não deixa de ser possível  
 tão somente quando o poema já começou, fazendo falhar  
 a tentativa de dizer seu antes. o que mais posso dizer,  
 senão que este poema, se poema for, deu errado,  
 que tudo o que estava querendo não era escrever  
 o gavião que agora vejo pousar com elegância em uma árvore,  
 mas tão somente o que ocorre no vale do socavão  
 quando não estou nele, quando não posso vivenciar  
 seus acontecimentos, quando a única memória  
 de um agora, que passa, é o esquecimento, que me faz  
 terminar este escrito quando ele deveria estar começando...

---

<sup>i</sup> Nascido em 1966, Alberto Pucheu é poeta e professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como poeta, publicou, entre outros, *A fronteira desguarnecida; Poesia Reunida 1993-2007* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007), *mais cotidiano que o cotidiano* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2013) e *Para que poetas em tempos de terrorismo?* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017). Enquanto ensaísta publicou, entre outros, *Pelo colorido, para além do cinzento; a literatura e seus entornos interventivos* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2007), *Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2010), *apoesia contemporânea* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2014), e *Que porra é essa – poesia?* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018).